

UNIDADE 11 – 19/05/2016**Práticas sociais de leitura e escrita: o que pode a escola?****Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu – Uerj /SME**

Prezado Colega Professor,

É com muito prazer que voltamos a conversar sobre algo que nos é muito caro: o ensino de leitura e de escrita e da análise linguística. Espero poder contribuir com algumas reflexões consideradas importantes para o ensino de Língua Portuguesa.

I) Contextualizando

Nenhum docente atuante em nossos dias pode contestar o princípio de que o trabalho didático bem articulado com textos é, sem dúvida, uma das mais eficazes e polivalentes atividades no processo ensino-aprendizagem de línguas. A um só tempo veículo de informações e de disseminação do conhecimento de todas as áreas, o texto também pode ser visto (ou deve ser visto) como objeto de estudos. O fato é que um texto enseja um sem-número de possibilidades de trabalho que podem associar o prazer da leitura ao desenvolvimento da reflexão crítica, o que significa ampliação de conhecimentos.

Todavia, sempre que esse assunto surge em meio às discussões pedagógicas, vem à tona, com ele, uma série de questionamentos sobre as dificuldades de trabalhar com a leitura: falta de biblioteca na escola, falta de tempo devido à grande quantidade de conteúdos a serem ministrados, desinteresse dos alunos, entre outros tantos pontos. Tais dificuldades se desvanecem ao modificarmos nossos conceitos sobre o que vem a ser estudo de um texto, se questionarmos, efetivamente, quais conteúdos programáticos devem ser ensinados e quando devem ser ensinados, ou se devem ser desenvolvidas diferentes habilidades para as competências de leitura e de escrita. Quando assim falamos e pensamos, entra em cena uma grande indagação do ensino de Língua Portuguesa: quando e como ensinar gramática? É evidente que não conseguiremos responder a essas questões de forma rápida e simples, mas a compreensão da importância dessas reflexões é um passo importante. À primeira vista, em uma resposta simples, há de se afirmar que não podemos distanciar o ensino da leitura e da escrita do ensino da gramática. Melhor dizendo: proponho que não se pode descolar o ensino da leitura e da escrita de análise linguística.

UNIDADE 11 – 19/05/2016

II) Razões

Não só nas situações didáticas, mas também em todas as outras tarefas da vida, se queremos ser bem-sucedidos, precisamos, antes de tudo, focar naquilo que vamos realizar. Se mesmo as ações simples de nosso cotidiano demandam essa reflexão, tanto mais a demandará nossa prática em sala de aula, com a qual esperamos estar contribuindo para a formação de nossos estudantes. Para que o processo ensinar-aprender alcance sucesso, é necessário pensá-lo a partir de três perguntas iniciais:

Para que estou ensinado? ↔ Qual meu objetivo?
O que tenho que ensinar? ↔ Quais conteúdos, que habilidades?
Como ensinar o que devo ensinar? ↔ Quais as estratégias a serem usadas?

Responder a essas perguntas é empreender uma ação reflexiva sobre nossa prática docente, visando ao sucesso da mesma. Para se responder à **primeira pergunta**, deve-se refletir sobre o objetivo de trabalhar a leitura/a escrita em sala de aula. Se há como objetivo contribuir para a formação de um sujeito leitor/ produtor de texto capaz de decodificar os textos da cultura, lendo criticamente a realidade que o cerca, melhor garantindo seus direitos, isso implica, antes de tudo, ajudar o estudante a adquirir a consciência de que leitura/escrita podem lhe conferir esse poder. Para que tal se dê, é preciso colocar os estudantes em contato com os textos e ajudá-los a entender a função social, cultural e discursiva dos mesmos.

A partir desse ponto surge a **segunda pergunta** e, com ela, a necessidade de se definir que textos podem ser selecionados, apresentados aos estudantes, onde encontrá-los. Tendo em vista que nosso objetivo é tanto motivar o aluno à leitura quanto torná-lo um leitor crítico, um produtor de texto proficiente, os textos a serem trabalhados deverão abranger a maior variedade possível: textos literários e não literários, jornalísticos, publicitários, de modo que o aluno possa perceber o quanto nossa vida está plenamente circundada por texto, e sua leitura deve ser uma atividade cotidiana, parte integrante de sua realidade e não uma atividade apenas escolar.

Por exemplo, ao ensinar as crianças a fazer contas, o professor dos anos iniciais de escolaridade procura mostrar aos alunos que aprender a fazer contas é necessário para as atividades diárias, inclusive para as atividades profissionais das pessoas. É comum ensinar a fazer contas a partir de

UNIDADE 11 – 19/05/2016

simulações de vendas e de preparação de receitas culinárias, por exemplo. Pode-se dizer que são formas de leituras diferenciadas, e o professor deve mostrar os contextos reais de uso desse conhecimento. É muito comum vermos pessoas consideradas analfabetas aprenderem na prática a fazer contas (caso contrário, não sobrevivem na vida real!).

Em se tratando de aprendizagem de leitura/escrita, por vezes pode parecer distanciado de nossa vida prática a necessidade de leitura e de escrita porque, quando pensamos em ler, passa pelo imaginário social a leitura de livros, a leitura cobrada na escola, a leitura indicada pelo professor que enseja a avaliação por intermédio de uma prova. Saber ler e escrever está muito além da “leitura/escrita da escola”. E a escola precisa entender isso, também. Cabe aos professores mostrar aos estudantes que as habilidades de leitura e de escrita são diferentes, são imprescindíveis não só para o convívio social como para o exercício pleno de sua cidadania, considerando que o desenvolvimento da capacidade de leitura não pode se restringir às aulas de língua materna.

A **terceira pergunta** pode ser respondida considerando o desenvolvimento da capacidade de leitura e de escrita como foco de investigação do emprego de competências e de habilidade de linguagem. Essas habilidades de linguagem pressupõem os recursos linguísticos não na sua identificação e sua classificação, mas no seu uso.

Logo, a leitura é concebida como processo complexo e abrangente de compreensão, de produção e de atribuição de sentidos que faz rigorosas exigências ao cérebro, à memória e à emoção. Por isso, é mais do que mera decodificação. É nesse aspecto que a análise linguística é contemplada. Para que o texto que eu leio, para que o texto que eu escrevo faça sentido, eu não posso deixar de lado o meu conhecimento de gramática. O que significa, então, fazer essa afirmação? Significa dizer que a existência de uma língua pressupõe a existência de uma gramática dessa língua. No entanto, somente saber a regra, saber a classificação não me faz um melhor usuário da língua. A Língua Portuguesa só se realiza plenamente no uso, no contexto, na interação entre os sujeitos, na fala e na escrita.

III) Usos

Essa gramática pressupõe dois processos muito importantes do seu usuário, que são o de seleção e o de combinação dos fonemas, das palavras que formam frases, períodos, parágrafos e textos em dado contexto, porque este pressupõe o sentido. Logo, defende-se que saber a

UNIDADE 11 – 19/05/2016

gramática da língua é saber reconhecer o efeito de sentidos dessas seleções e combinações que estamos, falantes da língua, permanentemente realizando.

A fim de entender essa genial complexidade da função social da leitura e da escrita, sem maiores pretensões, apresento um belo poema de José Paulo Paes:

Mistério de amor

É o beija-flor
Que beija a flor

Ou é a flor
Que beija o beija-flor?

Observe o jogo de palavras proposto no poema com as palavras beija-flor / beija / flor, diferentes tanto na classe de palavras (morfologia) quanto na função (sintaxe). A combinação revelada no poema (proposital ou não, não sabemos!) mostra efeitos de sentidos amplos, abrangentes. Não basta ao leitor saber se tratar de um substantivo ou verbo, por exemplo, ou que há substantivos simples e compostos. O leitor proficiente deverá reconhecer que há seleção e combinação distintas nas duas estrofes que trazem efeitos de sentidos diferentes para o propósito comunicativo do texto.

Veja, também, a combinação de palavras do título: *Mistérios de amor*. A preposição *de*, mais generalista, imputa um efeito diferente da combinação caso houvesse a preposição do unindo as duas palavras: *Mistérios do amor*.

Fala-se que a leitura e a escrita mobilizam processos cognitivos diferentes porque uma das habilidades – de leitura – é reconhecer o efeito na combinação proposta no poema, por exemplo. Outra habilidade é ser capaz de fazer a combinação, proporcionando o efeito que se deseja como escritor. Para o desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita dos estudantes dos anos iniciais, é muito importante que tomem o que se denomina “consciência linguística do uso”. Quanto mais estiverem expostos a diferentes textos, abordados em sala de aula em sua estrutura discursiva, mais essa consciência aflorará.

Esse processo de aprendizado da língua escrita é um processo contínuo e progressivo, que se desenvolve ao longo da vida. Para participar plenamente do mundo do letramento, o indivíduo deve desenvolver habilidades variadas, complexas, diversas. Essas habilidades vão do domínio do

UNIDADE 11 – 19/05/2016

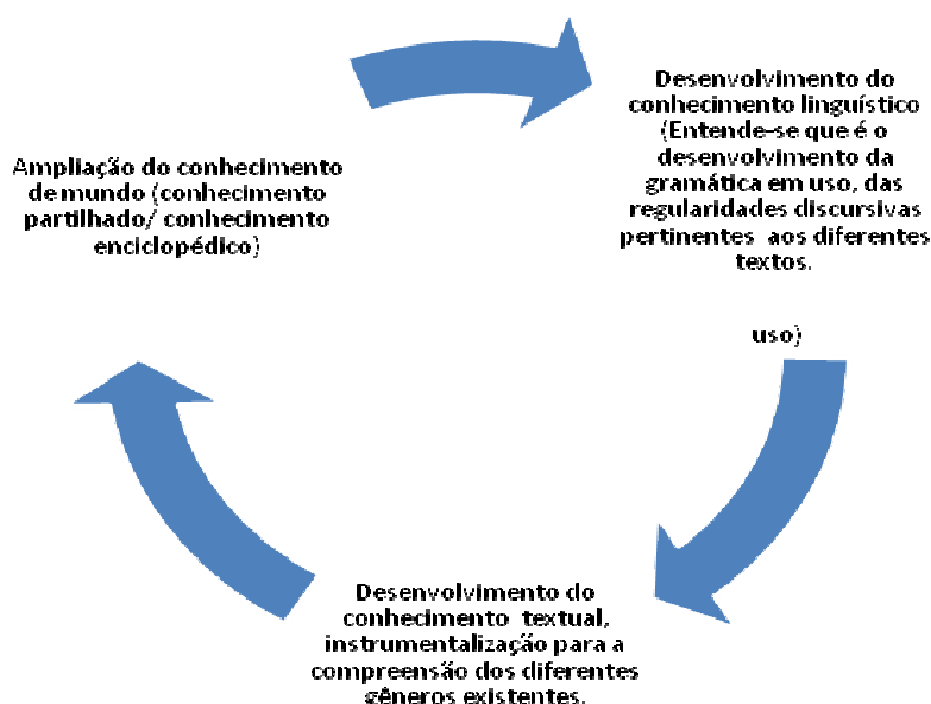
código e dos instrumentos à competência comunicativa e interacional de atuação nas múltiplas práticas sociais que vão sendo constituídas historicamente.

A leitura constitui uma das práticas de letramento dentro de um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, em contextos específicos, para objetivos específicos. Entende-se, portanto, que o conceito de linguagem pressupõe sujeitos que interagem no processo de comunicação. É dessa perspectiva que advém a importante função da escola, qual seja o desenvolvimento da competência discursiva dos estudantes.

Reitero que o desenvolvimento da capacidade de leitura e de escrita mobiliza processos cognitivos diferentes e, por isso, é necessária uma prática pedagógica voltada para o desenvolvimento dessas competências, que exigem habilidades diferentes, mas que se complementam, porque tratam, na verdade, do desenvolvimento da capacidade discursiva do sujeito. E o discurso pressupõe o entendimento dessa gramática em uso. Para tanto, há a contínua necessidade de desafios intelectuais para a promoção do conhecimento. A meu ver, esses desafios ocorrem por intermédio dos diferentes textos que oferecemos aos nossos estudantes, nas leituras que propomos a eles, nas análises que fazemos na interação de sala de aula.

Por isso, o estudo da língua em uso só pode ocorrer sob a forma dos textos, dos diferentes discursos, evidenciando-se que o estudo das regularidades discursivas e textuais, na sua produção e interpretação, pode e deve constituir o objeto de ensino de uma língua. A leitura e a escrita pressupõem o desenvolvimento da seguinte tríade:

UNIDADE 11 – 19/05/2016



IV) Considerações finais

No dizer de TROUCHE (2006, p.144), a leitura como atividade pedagógica requer do professor uma experiência como leitor capaz de permitir uma orientação segura a seus alunos, para que sejam leitores menos ingênuos, ao lidar com as diferentes construções textuais. Acrescento a essa visão a premência de se incorporar no fazer das salas de aulas abordagens teórico-metodológicas – os Cadernos Pedagógicos mostram um pouco disso –, a fim de se cumprir, efetivamente, a função de desenvolver a capacidade de leitura e de escrita dos estudantes do ensino básico, propondo a análise textual que perpassa pela análise linguística.

Para o professor, somente o desenvolvimento de sua capacidade plena de leitura lhe permitirá a elaboração de materiais didáticos que fujam da mesmice, da leitura superficial, da mera localização de informações explícitas do texto. Em tempos de novas tecnologias, é preciso registrar que estudar os textos clássicos, a literatura, não está “fora de moda”. Enfatizo que, a despeito da

UNIDADE 11 – 19/05/2016

modernidade, a aquisição do conhecimento ocorre por intermédio da leitura de diferentes textos. É preciso investir nos modelos. É preciso experimentar, fazer uso dos recursos da língua na produção de sentidos. Essa é uma longa caminhada. Precisamos ampliar mais e mais os horizontes de nossos estudantes, leitores em potencial, para que sejam inquietados.

Termino citando Cecília Meireles, a quem uno minha voz:

“Os livros que têm resistido ao tempo são os que possuem uma essência de verdade, capaz de satisfazer a inquietação humana por mais que os séculos passem.”

Referências Bibliográficas

- 1- KOCH, Ingedore. Desvendando os segredos do texto. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- 2- MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). Gêneros textuais & ensino. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- 3- RODARI, Gianni. Gramática da fantasia. São Paulo: Summus Ed., 1982.
- 4- TROUCHE, Lygia Maria Gonçalves. Polifonia e intertextualidade: as vozes da notícia. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida; SANTOS, Leonor Werneck dos (Org.). Estratégias de leitura: texto e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.